

C O N T E M P O R Â N E A

MARIA JUDITE DE CARVALHO

*Havemos
de Rir?*



PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA

Maria Judite de Carvalho

Havemos de Rir?

Teatro

Prefácio de Luiz Francisco Rebello



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Capa: arranjo gráfico de estúdios P. E. A.
sobre pintura de Francisco Simões

© Herdeira de Maria Judite de Carvalho

Direitos reservados por
Publicações Europa-América, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.

Apartado 8

2726 MEM MARTINS CODEX

PORTUGAL

europa.america@mail.telepac.pt

Edição n.º: 103407/7066

Outubro de 1998

Execução técnica:

Gráfica Europam, Lda.,

Mira-Sintra — Mem Martins

Depósito legal n.º: 127175/98



UMA HISTÓRIA QUE PARECE DE CORDEL (MAS NÃO É)

Não se esperaria, decerto, que no espólio literário de Maria Judite de Carvalho figurasse uma peça de teatro. A delicada, subtil melodia, mais sussurrada do que cantada, que se escuta ao longo dos seus contos e novelas, o universo de sombras e de silêncios em que as suas personagens se movem, dir-se-iam situar-se nos antípodas do palco. A luz crua dos projectores, o voyeurismo dos espectadores, o som e a fúria da representação, supor-se-iam incompatíveis com a discrição, o retraimento, o secretismo da sua escrita. E no entanto...

E, no entanto, esta obra póstuma de Maria Judite de Carvalho, que só estruturalmente se afasta da sua ficção novelesca, pois que se mantém fiel à sua temática dominante e ao inconfundível clima sócio-psicológico que lhe é próprio, é uma genuína criação dramaturgica. Pelo rigor linear da construção, pelo desenho atento das personagens, pela densidade do diálogo, até pela imprevisibilidade das situações e dos comportamentos.

Quase a terminar o século XIX, dois grandes rios, um de águas agitadas, o outro de águas tranquilas, confluíram no que viria a ser o vasto oceano da dramaturgia contemporânea. Um nasceu na Suécia, e chamava-se Strindberg. O outro na Rússia, e Tchekov era o seu nome.